



2017

ISSN: 2359-6597

## A AMIZADE A PARTIR DA ÉTICA A NICÔMACO

Guilherme Alves de Souza\*

**Resumo:** Aristóteles (384 a.C. – 322 a.C.) foi um filósofo grego e discípulo de Platão. Escreveu muitas obras, dentre elas *Ética a Nicômaco*, na qual deixa algumas recomendações para seu filho, Nicômaco. Nesta obra, trataremos mais especificamente do tema da amizade, em que Aristóteles explica para seu filho a importância deste valor, ou desta forma de amor, acompanhado de alguns valores. Segundo ele, existem três tipos de amizade: por prazer, por utilidade e por virtude. Esta última é a que será mais esplanada neste trabalho.

**Palavras-chave:** Amizade. Amor. *Ética a Nicômaco*. Filosofia.

### Introdução

O ser humano é um ser sociável, ou seja, não vive sozinho. Primo Levi, diante de uma situação de extrema dificuldade em um campo de concentração da Segunda Guerra Mundial, diz que “esquecera completamente a fome e o frio, tanto assim que a necessidade de contatos humanos deve ser incluída entre as necessidades primordiais” (2010, p. 47). O ser humano necessita de outros ao seu redor para sobreviver, construindo relações entre os indivíduos, foi assim que Primo Levi sobreviveu nos campos de concentração. Uma das formas de se estabelecer os contatos humanos é pela amizade<sup>1</sup> que, segundo Aristóteles, é indispensável e “termo final da vida moral” (BALDINI, 2000, p. 13). Além de ser sociável, o ser humano bom, é também amável, e somente o que é amável (bom, agradável, prazeroso ou útil) pode ser amado.

Philippe nos diz que “o amor de amizade não é algo ‘facultativo’, coisa comprazível, passatempo, mas enraíza-se na própria natureza do homem na sua unidade substancial

---

\* Acadêmico do curso de Filosofia da Faculdade Palotina (FAPAS) e bolsista do Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência (CAPES/PIBID). E-mail: [gui\\_de\\_s@hotmail.com](mailto:gui_de_s@hotmail.com)

<sup>1</sup> Tenha-se em conta que neste artigo ao nos referirmos sobre amizade e amor, pode-se dizer mais especificamente de *filia* (φιλία).

implicando a alma espiritual e o corpo” (2002, p. 70), mostrando-nos que a amizade faz parte da vida do homem, e não é algo que está além dele.

A amizade é algo nobre por si mesmo e alguns chegam a dizer que o amigo verdadeiro é um homem bom (ARISTÓTELES, 2013, p. 236). Ela precisa ser mútua, recíproca, além disso, “é voluntário, espiritual, que se realiza plenamente numa eleição e se encarna no corpo através das paixões, assumindo-as, enobrecendo-as” (PHILIPPE, 2000, p. 70). A amizade é uma forma preciosa de se relacionar e não deve ser vivenciada de qualquer forma.

Há três espécies de amizade, a saber: pela virtude, por prazer (ou agrado) e por utilidade, das quais serão abordadas nesta reflexão. Diz Reale a respeito da perspectiva de Aristóteles:

As duas primeiras formas de amizade são as menos válidas; são, sob certo aspecto, formas extrínsecas e ilusórias de amizade [...]. Só a terceira forma de amizade é autêntica, porque só com ela o homem ama o outro por aquilo que ele é, ou seja, pela sua bondade intrínseca de homem (REALE, 1994, p. 423).

Sobre como essas duas primeiras formas de amizade são consideradas menos virtuosas e a terceira mais virtuosa, é o que trataremos agora.

## **1 Amizade por utilidade e por prazer**

A amizade só por utilidade, segundo Aristóteles, não é virtuosa, isto porque “eu não amo o outro senão em razão de qualidade que poderia me prestar serviço” (PHILIPPE, 2002, p. 75). O que ‘atrai’ as pessoas para essa espécie de amizade é apenas o benefício que ela pode propiciar. É mais comum às pessoas mais velhas, “pois é na velhice que os homens não buscam prazer, mas vantagens” (PHILIPPE, 2002, p. 239) àquilo que lhes proporciona mais lucro; e também nos círculos familiares.

Apesar de ser a forma de amizade mais comum entre os mais velhos e nos círculos familiares, é importante ressaltar que este tipo de amizade ocorre em todas as idades, mas também é o motivo de término, pois surgem muitas queixas e reclamações já que nem sempre se consegue extrair o que quer e conseqüentemente se dissolve com maior rapidez.

Já a amizade baseada no prazer, refere-se à espécie de amizade em que os indivíduos apreciam “a companhia de pessoas espirituosas não pelo que elas são em si mesmas, mas porque são agradáveis” (PHILIPPE, 2013, p. 239). O indivíduo não é amado pelo que ele é, mas por proporcionar algum tipo de prazer. Esta forma é mais comum aos jovens, pois eles

muitas vezes se deixam levar pelas emoções e prazer imediato, o que em algumas ocasiões os leva a apaixonar-se, pois é fácil de uma amizade baseada no prazer se misturar ao amor *eros*<sup>2</sup>.

Não há uma boa reciprocidade nesta espécie de amizade, como diz Berti:

[...] não há perfeita reciprocidade no que concerne à amizade fundada sobre o prazer, porque o amante e o amado não encontram seus prazeres nas mesmas coisas, um o encontra em ver o amado, enquanto o amado encontra nas atenções que recebe do amante; em segundo, essa amizade não está destinada a durar, porque quando a flor da juventude fenece, o amor fenece com ela (2001, p. 31).

Os prazeres, que não são igualmente desejados, muitas vezes, é o motivo do fim da amizade. Cada um pensa em si nesta forma de amizade, sem espaço para reciprocidade, ficando fechado em seus desejos, o que ocasiona o egoísmo. Além disso, após ganhar o prazer que desejava, o descarte da pessoa é fácil de ser levado a cabo.

## 2 Amizade por virtude

“A verdadeira forma de amizade é, justamente, o laço que une os homens segundo o próprio valor do homem” (REALE, 1994, p. 423), “relação caracterizada pelo desinteresse e a estima” (BLUM, 2001, p. 52)<sup>3</sup>, ou seja, a forma mais perfeita, a mais virtuosa, mais verdadeira amizade, é baseada no bem e no que é bom. É duradoura e os indivíduos amam-se mutuamente, naturalmente e perfeitamente pelo que são em si, pelo caráter.

É o tempo que põe à prova a amizade e ele supera todas as dificuldades que possam vir a ocorrer. “A experiência nos manifesta claramente que a prova do tempo é necessária para unir os amigos e pôr seu amor de amizade a salvo de todas as causas de destruição” (PHILIPPE, 200, p. 74). Esta última espécie mencionada é a mais rara, pois para que ocorra, ou que se encontre alguém assim, exige-se encontrar muitas virtudes na pessoa.

Os amigos apreciam as mesmas coisas juntos e possuem gostos comuns. Aristóteles diz que “o semelhante extrai o seu semelhante” (2013, p. 236), isto porque esta espécie amizade só pode ocorrer entre duas pessoas que sejam boas, pois como já dito, só se ama o que é amável, logo o amigo deve ser um sujeito bom. “Nosso amor completa e repousa no amigo” (PHILPPE, 2000, p. 72).

---

<sup>2</sup> O amor *eros* (ερως) pode ser considerado como um amor do tipo apaixonado, no entanto, apaixonado com desejos e atração sensualista. Na maioria das vezes, o *eros* é associado aos desejos sexuais.

<sup>3</sup> “Relación caracterizada por el desinterés y la estima” (BLUM, 2001, p. 52).

Nesta amizade, cada amigo extrai o seu benefício e prazer de forma igual: os afetos, o prazer, atenção, amor. Esta amizade é resistente à calúnia, pois os amigos se conhecem respectivamente e confiam um no outro, ao contrário das outras duas que facilmente se dissolvem em razão da desconfiança.

O amigo gosta de estar próximo do outro. “Nada é mais característico entre amigos do que buscarem eles regularmente a companhia uns dos outros” (ARISTÓTELES, 2013, p. 243). Motivo de júbilo é estar junto.

Um amigo de verdade conhece o seu amigo. Esta afirmação leva a compreender que bons amigos conhecem-se mutuamente, o que não é simples, mas nesta forma de amizade é algo que ocorre naturalmente. Por isso, Philippe escreve:

Uma vez que o amor de amizade é o amor de benevolência na reciprocidade, implica necessariamente que o amigo comunique a seu amigo o que ele tem de mais íntimo e de mais ‘ele mesmo’ numa doação, e que receba o que seu amigo lhe comunica de mais íntimo e de mais ‘ele mesmo’ numa doação. Tanto mais o amigo se dá, tanto mais recebe o dom de seu amigo, quanto mais a unidade entre os amigos será grande (2000, p. 77).

Isto nos remete às chamadas ‘partilhas’. Um amigo conhece o outro totalmente porque ele é, também, o seu confidente: sabe aquilo que possui de mais íntimo, pois ele confia e se sente à vontade de dizer tais coisas e ouvir o mesmo do outro.

Aristóteles questiona se é possível se tornar amigo de alguém que lhe é superior ou inferior e nos responde que não, pois o grau de virtude não é o mesmo. A forma de amizade mencionada envolve igualdade, ainda que existam tipos em que um é superior, como do jovem e do mais velho em que um pode mandar e o outro obedecer, outro exemplo, pais e filhos. A verdadeira amizade caminha junto à igualdade, tanto na virtude quanto nos gostos.

Bens são necessários na vida e os “amigos são bens” (ARISTÓTELES, 2013, p. 248), o maior de todos os bens externos que se possui, portanto, é preciso estar próximo dele. Quando um está distante do outro não é possível que ocorra essa amizade. Cercar-se de coisas boas é fundamental e ter um bom amigo, neste caso, também.

Se na amizade baseada na utilidade e prazer a calúnia e a desconfiança fazem com que logo acabe, “nas amizades cujo fundamento é a virtude, jamais ocorrem queixas, mas a medida do benefício parece ser a escolha do doador, visto ser a escolha o elemento essencial na virtude e no caráter” (ARISTÓTELES, 2013, p. 262). A verdadeira amizade é baseada no caráter, desinteressada e duradoura, de forma consciente.

### 3 Algumas dúvidas

Pode-se perguntar: como reconhecer um bom amigo? Aristóteles nos diz que o “afeto distingue bem um bom amigo” (2013, p. 249). A amizade é também doação, “numa amizade baseada na virtude, cada uma das partes anseia por beneficiar a outra” (2013, p. 259). O que Aristóteles disse pode remeter ao Evangelho, pois “na sua essência, a amizade parece consistir mais em dar do que em receber afeto” (2013, p. 249), semelhante a Jesus Cristo quando diz que “ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos” (Jo 15, 13)<sup>4</sup>. O amigo é que alimenta o afeto, reciprocamente e na devida proporção do mérito, que é o que pode igualar pessoas diferentes, já que a proporção do mérito os tornaria iguais.

Todos podem ter uma amizade perfeita? Como já dito, nesta forma as pessoas procuram amar o seu semelhante e amar pela virtude. Ninguém pode amar a maldade, então se o indivíduo for mau, não pode amar ao seu semelhante, pois este também é como ele, não amável. Apesar disso, os homens maus sempre procuram estar na “companhia de outros, evitam estar sós, pois quando estão relembram muito o que foi desagradável no passado e antecipam mesmo no futuro, ao passo que, se acompanhados de outros indivíduos, podem esquecer” (ARISTÓTELES, 2013, p. 274).

Dissemos que a verdadeira amizade é melhor na igualdade, porém é possível amizade entre pessoas dessemelhantes, no entanto, haverá alguma desproporção: nos benefícios dados e recebidos, no prazer, na atenção... Por isso podem não ser tão duradouras, pois nem todos se sentem felizes sem receber o que anseiam.

Surgem diferenças quando os amigos não obtêm o que desejam, mas algo diverso. Com efeito, não obter o objeto de nosso desejo é quase idêntico a não obter coisa alguma, o que nos lembra a história do homem que contratou um tocador de lira e lhe prometeu que quanto melhor tocasse melhor o pagaria. Ora, na manhã seguinte, quando o contratado lhe solicitou que cumprisse sua promessa, este lhe disse que já pagara pelo prazer que recebera através do prazer que proporcionara. Isso estaria certo se ambos houvessem desejado o prazer, mas quando um quer diversão e o outro, ganho, e um obtém o que deseja e o outro não, não se tem uma transação justa, porque um homem deposita sua expectativa naquilo que é o objeto de seu desejo ou carência, e somente se o obtiver estará disposto a dar o que tem que dar (ARISTÓTELES, 2013, p. 266).

Por isso a dificuldade de se estabelecer a amizade de forma duradoura quando há desproporção entre as partes.

---

<sup>4</sup> Tradução Jerusalém, conferir referências.

Outra questão que é apresentada é se a amizade deve ou não ser rompida caso um dos amigos mude a sua maneira de ser. Na amizade pautada na utilidade ou prazer, isto é extremamente normal e aceitável, pois, como já mencionado, depois que se extrai o benefício perde-se a utilidade e quando não se obtém prazer, não há mais sentido de possuí-la. Na verdadeira amizade, se ama a pessoa pelo que ela é. Podem ocorrer casos em que a pessoa não seja exatamente como pensávamos que fosse, neste caso, é aceitável que se rompa a amizade, já que o que se ama, a ‘virtude’, não existe, é normal que se perca o amor.

Quando dissemos que o amigo é alguém semelhante, também “o homem bom sente em relação ao seu amigo do mesmo modo que em relação a si mesmo (pois o amigo é um outro eu)” (ARISTÓTELES, 2013, p. 273).

A reciprocidade e a empatia estão unidas à boa amizade e “a boa vontade parece ser o início da amizade, tal como o prazer do olhar é o começo do amor [...]. As pessoas não podem ser amigas sem terem experimentado a boa vontade mútua” (ARISTÓTELES, 2013, p. 275). Pode-se dizer, então, que a boa vontade é o primeiro passo para uma amizade e pode, por exemplo, ser demonstrada através de benefícios que não são solicitados. Além disso, há também a concórdia, onde ambos concordam acerca de interesses.

Os amigos são ou não necessários para ser feliz? O amigo é o maior dos bens externos, como já exposto no início desta reflexão. Seria, pois, demasiado estranho um homem possuir todos os bens e não ter o maior deles. A vida compartilhada é também mais proveitosa, pois ter amigos para compartilhar pensamentos, dialogar, etc., torna a vida mais proveitosa. “Sem o amor de amizade, a felicidade seria impossível [...], pois toda felicidade humana implica vínculo de amor com um bem absoluto, uma pessoa” (PHILIPPE, 2002, p, 80).

Devemos ter o maior número de amigos possíveis? Além de Aristóteles, a Bíblia nos narra acerca disso: “o homem cercado de muitos amigos tem neles sua desgraça” (Pr 18, 24)<sup>5</sup> e com Aristóteles não é diferente: “uma quantidade de amigos que exceda as exigências de nossa própria vida deve produzir um supérfluo de amigos que constituem uma nobre” (2013, p. 286). Não se consegue conviver com muitas pessoas de forma igualitária, como por exemplo, uma festa com muitos convidados em que não é possível distribuir a mesma atenção para todos. Assim, muitos amigos exigiriam muitas relações, o que não se sustentaria por muito tempo.

Existe algum período em que a amizade é menos ou mais necessária? A amizade é mais necessária na adversidade, quando se necessita de amigos para ajudar; é mais nobre na

---

<sup>5</sup> Tradução da Ave-Maria, conferir referências.

prosperidade, quando se tem para distribuir, já que o homem bom deseja beneficiar, mas leve-se em conta que a presença de amigos é boa em todas as situações, porém “é conveniente que visitemos amigos atingidos por infortúnios sem sermos convidados [...]. e no tocante aos prósperos, ainda que devamos auxiliá-los prontamente, devemos demorar para visitá-los quando se trata de usufruir dos seus bens” (ARISTÓTELES, 2013, p. 289), evitando, assim, uma amizade interesseira e baseada na utilidade.

A amizade também está presente na constituição organizacional do Estado. Como já dito, o homem naturalmente vive em sociedade. As organizações das sociedades em governos ou mesmo as relações do homem, podem favorecer mais um tipo de amizade, que outra. “Onde há amizade há, da mesma forma, justiça” (BITTAR, 2003, p. 1095). A justiça é a principal estrutura de uma cidade cuja finalidade é a amizade, que confere harmonia à cidade. É possível fazer um comparativo com algumas formas de amizade e algumas formas de governo da cidade, como nos expõe Bittar:

Entre pais e filhos, a própria vida que estes devem àqueles é o indicativo maior da utilidade e excelência desta forma de amizade; entre irmãos, a educação em comum, o convívio durante longo tempo e a comunhão de hábitos e preferências fazem destes, geralmente, pessoas de afeto recíproco; entre marido e mulher, como decorrência da natureza social do homem, antes mesmo de política, prospera uma amizade que, no mínimo, se funda no prazer e na utilidade, apesar de poder se fundar também na virtude se comungada por ambos (2003, p. 1097).

Os laços familiares que são da natureza humana resultam nos vínculos e convívios do homem na sua comunidade. Se em uma cidade todos os homens fossem amigos não se necessitaria de tantas leis, pois ninguém deseja àquele que ama o que não quer para si, logo as leis seriam, dispensáveis.

### **Considerações finais**

Segundo Aristóteles, existem três tipos de amizade: por prazer, utilidade e virtude. Ao escrever a obra *Ética a Nicômaco* para seu filho, ele deseja que o filho compreendesse que as duas primeiras amizades não se mostram duradouras, pois o fundamento da amizade não está na própria relação e, sim, no que ela pode proporcionar. Em outras palavras, são interesseiras.

A última forma de amizade, por virtude, mostra-se a mais duradoura, pois os que a possuem é pelo fato de procurarem o que há de melhor no homem: a virtude. Caracterizado como a verdadeira amizade, os amigos são muito parecidos e se amam pela virtude que

possuem. Este tipo de amizade é a mais duradoura, porém rara, pelo fato de que não é fácil encontrar homens com as mais altas virtudes e que sejam tão parecidos, ou quase idênticos na virtude, uns com os outros.

Este tema da *Ética a Nicômaco* em tempos de relações superficiais serve para que nos perguntemos: qual o tipo de amizade que estou cultivando? Quando chamo alguém de ‘meu amigo’, o que me faz ser, de fato, amigo dele? Espera-se que seja pelas virtudes, do contrário, a amizade poderá chegar rapidamente ao fim.

## Referências

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Edson Bini. 3. ed. Bauru: Edipro, 2013.

BALDINI, Massimo (Org.). **Amizade & Filósofos**. Bauru: EDUSC, 2000.

BATISTELLA, Fábio Júnior. **A virtude da amizade perfeita como categoria imprescindível à felicidade suprema em Aristóteles**. 2007. (Monografia de licenciatura em Filosofia) – Faculdade Palotina, Santa Maria. Orientador: Dr. Marcos Alexandre Alves (FAPAS/UNIFRA).

BERTI, Enrico. A relação entre as formas de amizade segundo Aristóteles. **Analytica**. Rio de Janeiro, v.6, n.1, p. 23-44, 2001/2002.

BÍBLIA. Português. Evangelho segundo João. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2013. p. 1882.

\_\_\_\_\_. Livro dos Provérbios. **Bíblia Sagrada Ave Maria**. São Paulo: Ave-Maria, 2014. p. 799.

BITTAR, Eduardo C. B.. **Curso de filosofia aristotélica**. Barueri, Monole, 2003.

BLUM, L. Amistad. In: HONDERICH, Ted (Org.). **Enciclopedia Oxford de filosofia**. Madrid: Tecnos, 2001.

LEVI, Primo. **A trégua**. Tradução de Marcos Lucchesi. São Paulo: Companhia das Letras, 2010

PHILIPPE, Marie-Dominique. **Introdução à filosofia de Aristóteles**. São Paulo: Paulus, 2002.

REALE, Giovanni. **História da filosofia antiga**. São Paulo, Loyola, 1994. v. 2.